

AULA 1: DIFERENÇAS ENTRE ESPIRITISMO, CANDOMBLÉ E UMBANDA.

ESPIRITISMO

Doutrina de cunho filosófico-religioso voltada para o aperfeiçoamento moral do homem por meio de ensinamentos transmitidos por espíritos desencarnados que se comunicam com os vivos através de médiuns. Ele nasce como uma filosofia e não como religião, ele nasce quanto uma doutrina, filosófica na época do iluminismo na Europa (França) em 1850, onde Kardec começa a questionar os eventos paranormais, extra-sensoriais que ele via acontecendo, metodologicamente ele transforma essas experiências que ele conduz de forma muito científica em livros.

Como toda descoberta científica nova precisa de um nome, Allan Kardec criou a nomenclatura:

- **Espiritismo** – Lei moral de Jesus, o consolador prometido por Jesus, trazida pelos espíritos e codificada por Allan Kardec;
- **Espírita** – Aquele que segue a lei moral da revelação do espiritismo.

No Espiritismo o público tem contato através das palestras e os passes (diferentes fins, desobsessão, curativos, entre outros), as incorporações são feitas em trabalhos fechados (chamados trabalhos de mesas), onde ocorre a doutrinação dos espíritos obsessores que precisam ser encaminhados, espíritos que acompanham os consulentes daquela casa.

O Espiritismo **não tem**: dogmas, rituais, vestes especiais, cálice com vinho ou qualquer bebida alcoólica, incenso, mirra, fumo, altares, imagens, andores, velas, procissões, trabalhos espirituais, talismãs, amuletos, sacrifício animal, santinho, horóscopo, cartomancia, quiromancia, astrologia, numerologia, pagamento de promessas, despachos, riscos de cruces e pontos, não tem curas espirituais milagrosas, fórmulas mágicas para resolver problemas sentimentais ou financeiros, etc.

CANDOMBLÉ

Religião afro-brasileira que cultua os orixás, deuses das nações africanas de língua ioruba dotados de sentimentos humanos como ciúme e vaidade. O candomblé chegou ao Brasil entre os séculos XVI e XIX com o tráfico de escravos negros da África Ocidental. Sofreu grande repressão dos colonizadores portugueses, que o consideravam feitiçaria.

Para sobreviver às perseguições, os adeptos passaram a associar os orixás aos santos católicos, no sincretismo religioso. Por exemplo, Iemanjá é associada a Nossa Senhora da Conceição; Iansã, a Santa Bárbara, etc. A crença segue as leis da natureza e suas divindades são os orixás, vistos como ancestrais divinos que cuidam e equilibram nossas energias.

No candomblé não há consulta direta com espíritos, não há espírito conversando com o consulente, os orixás não falam. Os atendimentos diretos são feitos pelo Pai de Santo ou Mãe de Santo (Babalorixa, Ialorixa) através do jogo de búzios.

A maioria dos trabalhos realizados no candomblé são fechados, destinados somente aos iniciados na religião, somente as festas dos orixás são abertas ao público.

As Nações

Os africanos trazidos como escravos para o Brasil pertenciam a povos diferentes que habitavam diferentes regiões da costa atlântica da África, desde o Senegal até Angola, Moçambique e Madagascar. Como resultado, havia uma multidão de cativos com línguas, hábitos e crenças distintas. Em comum, não tinham senão a infelicidade de estar, todos eles, reduzidos à escravidão, longe das suas terras de origem.

Desse modo, os cativos eram agrupados pelos senhores em delimitações mais ou menos arbitrárias, tendo como base o povo a qual pertenciam, a região de origem ou mesmo o porto onde eram embarcados. Eram as chamadas “nações africanas”, como “mina”, “angola”, “jeje” e “nagô”. Com o tempo, essas categorias criadas pelos traficantes de escravos foram assumidas pelos próprios africanos e por seus descendentes como símbolo de origem e pertença étnica. É este recorte, Terreiro de Umbanda Boiadeiro Zé do Laço e Exu Sete Espadas 3 baseado na procedência étnica dos fundadores dos primeiros candomblés (e, portanto, na origem étnico cultural de suas cosmologias e crenças religiosas), que dará origem às “nações do candomblé”.

De Angola, Congo e do Golfo de Biafra vieram 39% dos africanos destinados a Bahia: eram os negros das nações “congo”, “angola”, “macua”, “benguela”, dentre outros, que compunham o grupo linguístico bantu.

Porém, 53% dos escravos desembarcados no litoral baiano eram provenientes do Golfo do Benin (igualmente chamado Costa da Mina ou Costa dos Escravos), razão pela qual eram chamados genericamente de “negros minas”, divididos em nagôs (termo que designava todos os iorubás da Costa dos Escravos) e jejes (que incluem povos como os ewe, fanti-ashanti, grunsi e, principalmente, o povo fon do antigo Reino do Daomé).

A predominância de escravos de origem jeje-nagô e bantu na Bahia revela a configuração das principais nações do candomblé, quais sejam:

- De origem nagô (povo iorubá da Nigéria, Benin e Togo), cujo idioma é o iorubá:
 - Nação ketu;
 - Nação ijexá;
 - Nação efon.
- De origem jeje (povos ewe-fon do Benin e Togo), cujo idioma é o fongbe:
 - Nação jeje-mahi;
 - Nação jeje-savalu;
 - Nação jeje-nagô ou nagô-vodum (culto aos orixás nagôs em rito jeje).
- De origem bantu (povos bakongo e umbundo de Angola, República do Congo e República Democrática do Congo), cujos idiomas são o quicongo e o quimbundo (por vezes, o português):
 - Nação congo-angola ou, simplesmente, nação angola;
 - Candomblé de caboclo (sincretismo de elementos bantu e ameríndios).

É possível distinguir estas nações umas das outras pela maneira de tocar os atabaques, pela música, pelo idioma dos cânticos, pelas vestes litúrgicas, algumas vezes pelos nomes das divindades, e enfim por certos traços do ritual. Todavia, os candomblés de origem iorubá são os mais influentes.

Desde o início do século XX, pesquisadores brasileiros e estrangeiros (como Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Edison Carneiro, Melville Herkovits, Ruth Landes, Roger Bastide e Pierre Verger) deram ênfase à pesquisa científica sobre os terreiros que afirmavam ser de nação ketu, especialmente os três terreiros mais antigos e prestigiosos (Ilê Axé Iyá Nassô Oká - Casa Branca do Engenho Velho, Ilê Omin Axé Iyamassê - Terreiro do Gantois; e Ilê Axé Opô Afonjá). Cada um destacou a sua maneira a suposta "superioridade" ou "autenticidade" dos cultos de origem iorubá, detentores de uma tradição africana venerável.

Os candomblés de angola ou de caboclo, no entanto, foram largamente ignorados pela pesquisa acadêmica e até mesmo considerados "deformados" ou "corrompidos" em alguns momentos.

UMBANDA

É uma religião brasileira nascida em 1908 pelo médium Zélio de Moraes. Une elementos do catolicismo, do Espiritismo e religiões afro-brasileiras. Segue o princípio da fraternidade e da caridade sob as leis da Natureza e do plano espiritual.

Na umbanda também tem a incorporação dos orixás que também não falam, que vem em terra para trazer seu Axé para aquela sessão, gira, roda..., mas o forte trabalho da umbanda é com os guias espirituais, que são espíritos que já foram encarnados e depois de desencarnados se unem a uma falange e retornam como um mentor, guia, para auxiliar os seus médiuns na sua encarnação e por meios deles ajudarem os consulentes.

Na umbanda temos um atendimento direto com o consulente, através de passes, limpeza, desobsessão, descarrego e cura.

UMBANDA x KARDECISMO

Sabemos que umbanda não é candomblé e nem kardecismo. A confusão é grande, pois o candomblé é uma religião de culto aos orixás e o kardecismo é uma religião de trabalho com os espíritos, ambas calcadas no fenômeno mediunidade.

Encontramos na umbanda aspectos das duas, assim como de tantas outras, para um observador mais atento, mas o fato de ter algo em comum não quer dizer que podemos adotar por livre e espontânea vontade as práticas e filosofias religiosas das mesmas para dentro de nosso terreiro, pois a umbanda possui filosofia e práticas próprias que são observadas e trazidas à luz através dos espíritos-guias.

Sim, nós também cultuamos os orixás, mas de forma diferente do ancestral culto africano, pois os vemos sob outro ponto de vista. Se fosse para ser igual não haveria de se fundar outra religião, simplesmente adotaríamos o candomblé de caboclo, logo quando surgir uma dúvida antes de recorrer ao que é tão funcional dentro do âmbito de culto de nação. Espere, consulte e tenha fé que seus guias de umbanda terão as soluções, dentro e segundo nossas práticas.

Quanto ao Kardecismo, a maioria de nós, umbandistas, tem recorrido a sua vasta literatura em busca de esclarecimentos quanto ao mundo dos espíritos. O movimento kardecista esmiuçou e foi a fundo no estudo do fenômeno mediunidade, o que nos vale como ponto em comum. Já a maneira de se trabalhar mediunicamente dentro da umbanda é única, pois ela vai além do passe e doutrina. Os guias de umbanda têm extrema afinidade e conhecimento das manipulações de elementos da natureza e processos mágicos, motivo

pelo qual possuem toda uma variedade de recursos como o uso do fumo, das velas, do ponto riscado, dos ponteiros, Otás, pedras e cristais, guias, banhos, defumações etc. O que muitas vezes é visto como um atraso religioso, na verdade, em sua humildade esconde toda uma riqueza jamais imaginada pelo “leigo crítico”.

UMBANDA x CANDOMBLÉ

Ao contrário dos que muitos podem pensar, na África, na terra mãe dos escravos aqui aportados, a religião era muito rica e bem-diversificada, pois o enorme continente negro era todo dividido em nações e cada uma tinha seu culto voltado para uma ou mais divindades diferenciadas. A possível classificação que podemos fazer é dividi-la em dois grandes grupos que predominaram aqui no Brasil: dos yorubás (nago, vindos principalmente da Nigéria) e djedje (fon, em sua maioria do Daomé), onde o primeiro excedia em número de quase oito vezes maior que o segundo.

Para mantê-los sob controle, os senhores de engenho costumavam misturar nas mesmas senzalas negras de várias nações, em sua maioria inimiga, tornandoos vulneráveis, uma vez que não se entendiam e muito menos se uniam contra seus donos. A rivalidade na África era tão grande que dispensava maior trabalho ao europeu, uma vez que os negros se escravizavam uns aos outros, os seus prisioneiros de guerra, bastando assim a quem quisesse comprá-los já na condição de escravos. E, o que era melhor, a troca de banana para vender a peso de ouro. Para agravar a condição dos mesmos, foi-lhes concedido o domingo para que pudessem fazer seus batuques, pois o governo os via como “um ato que obriga os negros, insensível e maquinalmente, de sete em sete dias, a renovar as idéias de aversão recíproca que lhes eram naturais desde que nasceram”.

Logo, os batuques se transformaram em culto religioso aos orixás (que predominou na Bahia) e voduns (aparece no Maranhão com a Casa das Minas). Não podia ser como na África, onde cada nação cultuava um orixá, mas um culto onde se tocava para todos e onde os mesmos se manifestavam deixando no corpo e na alma de seus filhos os axés de amor, coragem e esperança, enquanto incorporados não falavam nada, apenas se faziam sentir. Suas mensagens vinham através do jogo de búzios ou por ifá, o mistério da revelação. Assim surgiu o candomblé na Bahia e assim os orixás foram trazidos à nossa terra.

Quanto à diferença entre a umbanda e o candomblé, mais simples é começarmos dizendo o que há em comum entre ambas, que é a incorporação mediúnica e o culto aos orixás, este já renovado pela umbanda. Já as práticas e os rituais são diferentes. Enquanto na umbanda as consultas são feitas através dos espíritos de caboclos, pretos-velhos, baianos, exús, no candomblé as consultas são feitas através do jogo de búzios ou ifá, não aceitando a comunicação de espíritos (eguns), sendo, portanto, vetada sua incorporação.

Os trabalhos mediúnicos de incorporação contam apenas com a presença de orixás que também se fazem presentes na umbanda, renovados e sob um outro ponto de vista. Esta é a principal diferença, visto que as outras são mais pertinentes a atuação das entidades guias em seus trabalhos de umbanda e dos rituais internos do candomblé.

Sim meus amados, não é tudo a mesma coisa, mas **TODAS** merecem o mesmo respeito, todas tem seu papel na sociedade e na espiritualidade. Esperamos entender esses significados a fim de esclarecer a todos os amigos das definições estabelecidas originalmente. Lembrando-se que estamos na religião que devemos estar, que nos conforta que nos esclarece e que nos faz pessoas melhores. A revelação divina é para todos e todos são filhos de Deus soberano, justo e bom.

	Candomblé	Umbanda
Definição	Candomblé é uma religião afrobrasileira, que foi trazida pelos africanos escravizados.	Umbanda é uma religião brasileira que mescla elementos do catolicismo, espiritismo, e religiões afro-brasileiras.
Origem	Africana.	Brasileira.
Criação	No final do século XVI.	1908.
Crença	Segue as leis da natureza. Suas divindades são os orixás, que teriam o papel de cuidar e equilibrar nossas energias.	Segue as leis da natureza e do plano espiritual, além dos princípios da fraternidade e da caridade.
Orixás	Veem os orixás como ancestrais divinos, que são os deuses da natureza e representantes de um deus criador e único.	Veem os orixás como espíritos ancestrais e a manifestação do deus único.
Espíritos	Os espíritos que se manifestam na terra são os <i>Egun</i> , almas que foram iniciadas ou não nesta religião.	Os espíritos que aparecem durante os trabalhos são de pessoas que voltam para a terra para a prática da caridade.
Assistência	Feita por meio da consulta com búzios.	Feita por meio do passe, uma espécie de bênção e limpeza espiritual. Ocorre por meio da conversa com espíritos, que é feita pelo intermédio de um médium incorporado.
Incorporação	No candomblé mais ortodoxo, não há prática de incorporação e medlunidade. As entidades apenas oferecem energia e a comunicação é feita por meio dos búzios.	Feita por meio de médiuns.
Exu	É visto como um orixá, um guardião e mensageiro entre o mundo material e espiritual.	Como todos os orixás, é mais um espírito que ensina os seres humanos como evoluir.
Abate de animais	Ocorre durante as festas dos orixás.	Não há abate de animais nos rituais.
Estrutura dos terreiros	Não há altares.	Há altar.
Cantigas	Utilizam línguas de origem africana como o <i>lorubá</i> ou o <i>kimbundu</i> .	Cantadas em português, mas podem apresentar palavras em idiomas africanos.
Título de quem lidera o ritual	Os homens são chamados babalorixá ou babalaô. Já as mulheres, ialorixá ou ialaorixá.	A pessoa que comanda o centro de Umbanda pode ser chamada de Pai de Santo, Mãe de Santo, Pai de Terreiro, Mãe de Terreiro ou Dirigente.